

por Mário Soares

1. A Europa Política pela qual tanto tenho lutado - principalmente quando fui presidente do Movimento Europeu Internacional - e em que acredito, não avança nem recua: está parada e incerta quanto ao futuro. Sofre de paralisia irremediável - para não dizer da mediocridade - de alguns dos seus actuais dirigentes. A Europa dos Cidadãos tornou-se uma miragem. Apesar do Parlamento Europeu que, em princípio representa os cidadãos europeus, dos diversos Estados que compõem a União, ter ganho alguma consistência e credibilidade nesta última legislatura.

No entanto, todos parecem esperar por melhores tempos, que não chegam nem, aliás, se anunciam. Antes pelo contrário. Por isso, não falam no futuro. Falam em resistir aos desastres do presente. Como fez em Aix-la-Chapelle a Senhora Merkel quando se referiu a necessidade de "resistir às tempestades"...

As diferentes crises - financeira, económica, energética, ambiental, agora, alimentar - cruzam-se e interinfluenciam-se, perante a incapacidade geral para lhes fazer frente, com propostas inovadoras. No Ocidente e nos países emergentes, o epicentro das crises surgiu na América do Norte, estando agora, paulatinamente, a contagiar a Europa e a infiltrar-se nos outros Continentes, adquirindo acentos trágicos, como a fome, em muitos países de África.

Uma União Europeia activa - e com um rumo claro como agente global - faz falta ao Mundo, actualmente, tanto no plano geo-estratégico, político e económico, como ao Planeta, para defesa dos equilíbrios ecológicos essenciais, reconhecidamente ameaçados. Mas como ser um protagonista global, se não se vê - nem se sente - qualquer dinamismo, vontade política ou a proposta de rumo certo, entre os seus dirigentes mais destacados?

A França hesita, marcada pela permanente inconstância do Presidente Sarkozy. Na verdade tão depressa faz namoro a Bush - ainda?!... - reafirmando as suas convicções atlantistas e a sua devoção à NATO (atolada como está no Afeganistão!) como procura retornar à velha "entente cordiale", apesar do incurável eurocepticismo inglês - com o Labour e Brown muito infelizes com a recente derrota ocorrida em final de ciclo - como volta a ensaiar um passo de dança, na cerimónia em Aix-la-Chapelle, de homenagem ao europeísmo da Senhora Markel, com a intenção de repor em marcha o indispensável "motor franco-alemão"... É inconstância a mais, em tão pouco tempo! Para não falar do seu projecto inicial da "União para o Mediterrâneo", que mete água por todos os lados, visto não agradar nada a Alemanha nem, muito menos, aos Chefes de Estado árabes...

Por outro lado, a Itália - um país que sempre foi profundamente europeísta, e que tem razões para o ser - tornou-se, com as últimas eleições, motivo de grande preocupação. Não foi só a vitória surpreendente de Silvio Berlusconi. Foi, sobretudo, a vitória de Boni e de Fini, o separatista e o ex-fascista, incómodos aliados de Berlusconi, para além de uma vitória de um fascista, puro e duro em Roma, pela primeira vez, desde o fim da guerra, de seu nome Gianni Alemanno... Pobre Europa! Que saudades do duo Kohl/Mittrrand - tendo em Roma, como primeiro ministro, o europeísta Bettino Craxi...

2. Israel comemora sessenta anos, como Estado. A sua criação ocorreu em 1948, após a vitória dos Aliados na II Guerra Mundial e em consequência dela. Foi, de algum modo, a recompensa feita pela Europa democrática, a um povo - os judeus - martirizados e vítimas do holocausto, organizado com requintes de inesquecível malvadez, e tendo em vista eliminá-los, como Povo. Não o conseguiram, felizmente, apesar de todos os sofrimentos irreparáveis que causaram.

Tratando-se de um Povo historicamente perseguido pela intolerância dos cristãos e dos islâmicos, sempre simpatizei com os judeus, que tanto ajudaram a consolidação e expansão de Portugal e que, depois, foram expulsos, mortos, ou convertidos à força em "cristãos novos", no tempo de D. Manuel I, em 1496. Depois veio o fanático D. João III, cujo cognome foi o "piedoso", talvez por ter criado a Inquisição e autorizado os autos de fé, de má memória. Aliás, a intolerância religiosa contra os judeus, que se prolongou em Portugal e em Espanha, praticamente até ao liberalismo, foi uma das principais causas da "decadência dos povos peninsulares", como demonstrou numa das célebres "Conferências do Casino", o grande Antero de Quental.

Hoje, continua a haver quem pense que o "choque das civilizações" - ou das religiões, que as influenciam - é inevitável. É uma concepção malthusiana da história, destrutiva do humanismo, para mim, inaceitável. Deve-se-lhe opor a Aliança das Civilizações, dinamizada pelo conhecimento recíproco do outro, pelo respeito pelo que é diferente, e pelo diálogo, na igualdade.

É, por isso, que penso, como amigo do Povo Judaico - que ao longo da minha vida política sempre demonstrei ser - que Israel não se deve defender contra o terrorismo, recorrendo a uma espécie de terrorismo de Estado ou cedendo à tentação do "olho por olho, dente por dente". É um caminho extremamente perigoso - como tantos judeus, reconhecem - e que no limite poderá vir a pôr em risco a própria existência do Estado de Israel. O que representaria um recuo civilizacional e geo-político inaceitável.

3. Leopoldo Calvo Sotelo, faleceu há três dias em Madrid, inesperadamente, com 82 anos, vítima de uma paragem cardíaca. Conheci-o bem, antes durante e depois de ter sido Presidente do Conselho de Ministros, sucedendo a Adolfo Suarez e precedendo Felipe Gonzalez. Foi um dos artífices da transição democrática de Espanha, um político discreto, diligente e de grande carácter. Era, justamente, Presidente do Governo quando ocorreu, em 23 de Fevereiro de 1981, o golpe sedicioso de Tejero, que ocupou as Cortes e sequestrou, durante 18 longas horas, o Presidente do Governo Calvo-Sotelo. Portou-se com dignidade e coragem, mantendo, num momento particularmente difícil, o equilíbrio das instituições democráticas.

Vivi com imensa emoção esse acontecimento, que guardo vivo na memória. Constituiu um momento dramático da história da transição espanhola. Era então primeiro ministro, em Portugal, Francisco Pinto Balsemão, com o qual mantive um contacto permanente, como líder da Oposição. A minha Filha estava em Madrid, como jornalista, face às Cortes. Foi das primeiras jornalistas a entrar no Parlamento, uma vez frustrado o golpe.

Leopoldo Calvo-Sotelo era sobrinho do político monárquico Calvo-Sotelo, assassinado nas vésperas da guerra civil. Pertencia a uma família rica da burguesia ilustrada. A sua irmã era casada com o meu amigo Fernando Morán, do grupo do Tierno Galván, que seria Ministro dos Negócios Estrangeiros num dos Governos de Felipe Gonzalez. Daí alguns dos laços que nos uniam. Aproveitei a oportunidade para apresentar à sua Viúva, com quem tive o privilégio de conversar, em diversas circunstâncias, e aos Filhos, as minhas sentidas condolências. A Espanha perdeu um dos seus políticos de referência.

Lisboa, 6 de Maio de 2008